

## O *aidós* de Clitemnestra: política e poder no *Agamêmnon* de Ésquilo

Tiago Irigaray\*

**RESUMO:** Esse artigo analisa como Clitemnestra, na *Oresteia*, reivindica o poder político para si e seu relativo sucesso ante uma cultura que lhe nega tal aspecto a ponto de ela nunca o exercer autonomamente. Há necessidade de uma autoridade masculina: Agamêmnon ou Egisto. Ao eliminar o marido a quem é subordinada, ela subverte a ordem e contesta a tradicional visão das relações de poder e dos laços de sangue. Em *Eumênides*, a visão tradicional é reestabelecida, contudo, não responde satisfatoriamente às questões que Clitemnestra suscita.

**Palavras-chave:** tragédia; Ésquilo; *Oresteia*; relações de poder, política.

**ABSTRACT:** This article analyzes how Clitemnestra, in the *Oresteia*, claims the political power for itself and her relative success in face of a culture that denies this aspect to the point that she can never exercise it autonomously. There is need for a male authority: Agamemnon or Aegisthus. By eliminating the husband from whom she is subordinate, she subverts the order and contests the traditional view of power relations and blood ties. In *Eumenides*, the traditional view is reestablished, however, it does not respond satisfactorily to the questions that Clytemnestra raises.

**Keywords:** tragedy; Aeschylus; *Oresteia*; power relations; politics.

Ao longo de toda a *Oresteia*, de Ésquilo, vemos a alternância e as relações de poder. Exercendo o domínio sobre Argos na ausência do marido e também após o assassinato dele, Clitemnestra apresenta atributos retóricos e atos muito coerentes com o que seria esperado de um político da Antiguidade Clássica. Em *Agamêmnon*, de Ésquilo, vemos como a personagem está em consonância com as ideias políticas da Atenas do século V a.C., sem deixar de preencher os requisitos do que seria esperado de um herói homérico, não raro também envolvido em lides militares e políticas.

Encontramos algumas questões intrincadas. O próprio gênero da personagem *per se* não permitiria tal posição a ela, que se esforça para ter reconhecida sua autonomia (FOLEY, 2001, p. 201-202). A insurgência de Clitemnestra contra a dominação masculina patriarcal e sua subversiva tomada de poder é um dos temas centrais de *Agamêmnon*. Contudo, há muito foi notado que as relações de poder e as tensões entre os sexos são um tema frequente na tragédia e na comédia (ROSENFELD, 2014, p. 189). De fato, há mais representações de mulheres do que de homens na tragédia: o Coro é composto de mulheres mais que o dobro de vezes do que é composto de homens, e apenas uma tragédia das que chegaram inteiras até nós, *Filoctetes*, não possui nenhuma personagem feminina (FOLEY, 2001, p. 6). Essas heroínas, não raro, desafiam seus papéis sociais estabelecidos e esse fato é favorecido pela estrutura

---

\* Graduando em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

conflituosa da tragédia. Naturalmente que uma representação literária originada na Antiguidade e numa cultura extremamente patriarcal, que primava por manter as mulheres reclusas e tão distantes da esfera pública quanto possível, retratar repetidamente e suscitar reflexões sobre o feminino e o papel da mulher é um fato extremamente insólito e estudado com perplexidade por muitos<sup>1</sup>. Portanto, não é exatamente surpreendente a insurgência de Clitemnestra – talvez a surpresa esteja no sucesso que ela obteve. De qualquer forma, o sexo da heroína irá permear questões políticas, de justiça e também divinas por toda a extensão da *Oresteia*, como veremos adiante.

Quando a faceta política da rainha é mencionada, o mais comum é que os leitores se lembrem da execução de Agamêmnon e de seu reinado com Egisto. Todavia, Clitemnestra se comporta politicamente durante toda a extensão de *Agamêmnon*. Logo, analisarei aqui as posturas políticas de Clitemnestra e, para tanto, as dividirei em três momentos principais: 1 a Clitemnestra cujo poder político é subordinado a Agamêmnon; 2 imediatamente após o assassinato de Agamêmnon, na dialética que ela trava com o Coro; e 3 a Clitemnestra relativamente livre, porque seu poder não é mais exatamente subordinado a um homem, mas mesmo assim ela necessita de Egisto para governar, uma vez que a cidade não obedeceria a uma mulher.

### **1. O poder quem vem do casamento: a Clitemnestra subordinada a Agamêmnon**

O mundo aristocrático homérico é deveras diferente da vida urbana na *pólis*. As representações dramáticas atenienses inserem os ideais democráticos no cenário aristocrático e isso contribui para a formação dos conflitos trágicos (FOLEY, 2001, p. 60). A elite aristocrática tem a necessidade de formar alianças militares para proteger suas terras e seus interesses de invasores ou de inimigos, e um casamento é uma excelente forma de unir duas famílias, dois clãs, que se apoiarão em tempos de necessidade (FOLEY, 2001, p. 61-62). Essa é a conjuntura sob a qual Agamêmnon e Clitemnestra se casaram, e ser essa ligação entre duas famílias poderosas dava mais influência e importância à mulher do que ter uma função majoritariamente reprodutiva numa democracia urbana que não lhe permite participação e não tem necessidade de alianças militares feitas por meio de mulheres, uma vez que a proteção da *pólis* era garantida pelas próprias forças militares, instituições e leis (FOLEY, 2001, p. 61-63; POMEROY, 1995, p. 93-95). Foi também essa conjuntura que possibilitou união de clãs espalhados por toda a Hélade para lutar contra Tróia por causa do problema da suposta abdução da esposa de Menelau. Uma *pólis* grega muito dificilmente faria guerra para recuperar uma mulher sequestrada<sup>2</sup>.

As esposas aristocráticas sofriam um pouco menos a misoginia e tinham mais liberdade do que as reclusas esposas atenienses (POMEROY, 1995, p. 26-29). O poder e a autoridade da esposa, contudo, vinham da família de origem e do marido, a quem era diretamente subordinada e devia obediência. Seu conselho poderia ser considerado –

---

<sup>1</sup> Há extensa literatura e debate sobre o tópico. Recomendo POMEROY (1995, p. 93-119) e FOLEY (2001, p. 3-18).

<sup>2</sup> Digno de nota para essa questão é o arrazoado de Heródoto (*Histórias*, 1.4), que poderia sinalizar para um pensamento típico do período acerca de eventos dessa natureza. Ao tratar dos sucessivos casos de rapto que engendraram as guerras entre Oriente e Ocidente, diz o historiador: “Raptar mulheres, diziam os persas, é uma injustiça dos homens, mas querer obstinadamente vingar o rapto é insensatez; os homens prudentes não dão importância alguma a mulheres raptadas, pois obviamente elas nunca teriam sido raptadas se não quisessem” (τὸ μὲν νυν ἀρπάζειν γυναῖκας ἀνδρῶν ἀδίκων νομίζειν ἔργον εἶναι, τὸ δὲ ἀρπασθεισέων σπουδῆν ποιήσασθαι τιμωρέειν ἀνοήτων, τὸ δὲ μηδεμίαν ὥρην ἔχειν ἀρπασθεισέων σωφρόνων· δῆλα γὰρ δὴ ὅτι, εἰ μὴ αὐταὶ ἐβούλοντο, οὐκ ἂν ἠρπάζοντο. Tradução de Mário da Gama Kury (HERÓDOTO, 1988)).

embora a palavra final fosse do marido – e ela poderia ser apreciada por sua tecelagem, sua modéstia e seu zelo pela propriedade do esposo e pelos filhos e, por estar tão diretamente relacionada, era considerada confiável para guardar os bens e até gerir o palácio e tomar as decisões na ausência do esposo. Foi o que aconteceu com Clitemnestra e com Penélope<sup>3</sup>. Por ser fiel e devotada ao marido, mesmo ao longo de décadas, por manter o pudor e zelar (da forma que pôde) pela propriedade de Odisseu, Penélope é considerada o exemplo de esposa. Clitemnestra é o seu oposto: insubordinada, adúltera e capaz de cometer a terrível ousadia de matar a quem deve obedecer.

Assim, podemos definir o αἰδώς (*aidós*) da esposa daquele tempo. *Aidós* é um conceito grego de difícil tradução que significa, resumidamente, “respeito, pudor, honra” e está imbuído da ideia de reconhecimento de um *status*, de fazer o que deve ser feito de acordo com o seu papel social ou hierárquico (CAIRNS, 1993, p. 1-4). É importante notar que Clitemnestra rompe com seu *aidós*<sup>4</sup> de esposa em resposta à atitude de Agamêmnon ao sacrificar Ifigênia e, assim, romper com seu *aidós* de pai. Dessa forma, apesar de estar estilizando qualquer noção de dever de esposa, Clitemnestra está ferrenhamente cumprindo o *aidós* de mãe (o que seria seu dever e, portanto, justo) com um porém: uma mãe deve cuidar e proteger seus filhos, mas não cabe a nenhuma mulher buscar vingança, essa é uma diretriz do código heroico masculino grego<sup>5</sup>. À mulher é exigida uma obediência abnegada – esse aspecto não mudou na *pólis* e a obediência ao marido é um sinal constante de dominação da mulher. Clitemnestra reivindica para si a autoridade e a capacidade a ela negadas e ousa romper violentamente com todo o sistema que a oprime. Podemos ver que há grandes contradições nesta situação e elas serão abordadas ao longo da *Oresteia*. Muito se abordam as tensões e contradições entre o masculino e o feminino em Ésquilo; no entanto, a trilogia trata também dos conflitos dentro do feminino, como quando os deveres de esposa se chocam contra os deveres de mãe.

É nesse contexto – de responsável por Argos e esperando Agamêmnon voltar para executar sua justiça vingativa – que primeiro somos apresentados a Clitemnestra em *Agamêmnon*. O Corifeu reconhece sua autoridade nos versos 258-259<sup>6</sup>. Quando as piras, os sinais de fogo que servem como indicação de que Tróia foi vencida são acessos, fica, conseqüentemente, claro que Agamêmnon voltará – os sinais de fogo são, na verdade, um ardil maquinado por ela ou por Egisto, ou por ambos, para estarem

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, *Odisseia*, 19, v. 106-114, na qual um Odisseu disfarçado dirige-se à Penélope: “Mulher, a ti nenhum mortal pela terra sem-fim/ censuraria: tua fama chega ao largo páramo,/ como a de um rei impecável, que, temente ao deus,/ regendo sobre muitos e altivos varões,/ sustenta as boas tradições; e a negra terra produz/ trigo e cevada, as árvores carregam de fruto,/ as ovelhas se reproduzem sem vacilar, o mar fornece peixes,/ e o povo, graças à boa liderança, excele” (ὦ γύναι, οὐκ ἄν τις σε βροτῶν ἐπ’ ἀπίρονα γαῖαν/ νεκροί ἢ γὰρ σευ κλέος οὐρανὸν εὐρὺν ἰκάνει,/ ὡς τέ τευ ἢ βασιλῆος ἀμύμονος, ὅς τε θεοῦδης/ ἀνδράσιν ἐν πολλοῖσι καὶ ἰφθίμοισιν ἀνάσσων/ εὐδικίας ἀνέχησι, φέρησι δὲ γαῖα μέλαινα/ πυρούς καὶ κριθάς, βρίθησι δὲ δένδρεα καρπῶ,/ τίκτη δ’ ἔμπεδα μῆλα, θάλασσα δὲ παρέχη ἰχθῦς/ ἐξ εὐηγείης, ἀρετῶσι δὲ λαοὶ ὑπ’ αὐτοῦ.; Homero, *Odisseia*, 19, v. 106-114. Tradução de Christian Werner (HOMERO, 2014)).

<sup>4</sup> Baseio-me em FOLEY (2001, p. 59-61) para os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher no casamento grego, que tem como modelo as uniões de Odisseu com Penélope e de Heitor com Andrômaca. Quanto à paternidade e à maternidade, uso as noções de CHESI (2014, p. 14-18). Embora utilize o conceito, não é meu objetivo aqui tratar dos pormenores da tradução de αἰδώς – para tanto, ver CAIRNS (1993, p. 1-47).

<sup>5</sup> Medeia é outro caso clássico de mulher que se apropriou desse código masculino para seus fins. FOLEY (2001, p. 226) questiona se o objetivo de Eurípedes não era exatamente criticar essa tão autodestrutiva diretriz. Para uma ampla análise sobre Medeia cf. FOLEY (2001, p. 243-271).

<sup>6</sup> Quanto ao texto da *Oresteia*, adoto não apenas a tradução de Jaa Torrano (ÉSQUILO, 2004), como o texto grego citado por ele e o acompanho também quanto à numeração dos versos.

prontos para o retorno do alvo (POMEROY, 1995, p. 98) – ela ordena que sejam feitos os devidos sacrifícios aos deuses.

Essa cena é propícia para o leitor moderno estar atento para não incorrer em uma leitura anacrônica. No Período Clássico, o político, o religioso, o público e o privado se misturam, de modo que nossos moldes iluministas de interpretação do mundo não se aplicam à tragédia. Assim, o sacrifício ordenado também faz parte das funções políticas e conjugais de Clitemnestra. Mais adiante, o sobrenatural terá grande influência no político e isso não diminuirá o papel e a motivação da agente humana, como veremos. Além do alerta contra o anacronismo, é importante lembrar que a tragédia transita entre a linguagem metafórica, o mito, o rito (*mûthos*), e a linguagem conceitual, racional, matemática (*lógos*), sendo que as mulheres atenienses eram excluídas da última (ROSENFELD, 2014, p. 187-188).

A exclusão das mulheres do *lógos* e a desconfiança do sexo feminino em geral, fortemente disseminada pela cultura misógina da época, fazem o Coro e o Corifeu duvidarem do prelúdio do retorno de Agamêmnon, por Clitemnestra anunciado (v. 270-280, v. 475-478). Mais tarde, Clitemnestra se ufanará de ter estado certa e ter sido desacreditada (v. 590-597). A certeza lógica nas palavras da rainha é o primeiro elemento que faz com que o Coro a masculinize: “Mulher, falas prudente qual prudente homem...” (γύναι, κατ' ἄνδρα σῶφρον' εὐφρόνως λέγεις; v. 351).

A inteligência e a retórica são, para os atenienses do século V a.C., atributos masculinos. É importante notar que uma mulher ser retratada como “masculina” ou mesmo como inteligente não é nenhum elogio, esses atributos são considerados inapropriados às mulheres (POMEROY, 1995, p. 98).

Ésquilo insere no discurso da heroína diversas e sutis referências ambíguas ao assassinato de Agamêmnon. A ambiguidade é o suficiente para que passe despercebida pelo Coro, contudo, o leitor e, arrisco dizer, o espectador atento da peça, percebe a ironia trágica que se insinua. Isso vai construindo suspense e tensão até o clímax da peça. O caminho da pira que anuncia a volta de Agamêmnon inclui Lemnos, ilha habitada por mulheres guerreiras que odiavam os maridos, e o monte Aracne, indicando o ardil, a teia tecida que faz referência ao plano de execução. A descrição do caminho das chamas também é uma resposta de Clitemnestra contra a desconfiança do Coro, ela demonstra seu conhecimento geográfico para que eles a levem a sério (POMEROY, 1995, p. 98). Em meio à comemoração do retorno, Clitemnestra alerta para que os aqueus respeitem os templos dos deuses: “Se viesse o exército sem ofensa aos Deuses/ poderia ser desperto o suplício dos mortos, se não irrompessem repentinos males” (θεοῖς δ' ἀναμπλάκτητος εἰ μὲν οἱ στρατός, / ἔγρηγορός τὸ πῆμα τῶν ὀλωλότων/ γένοιτ' ἄν, εἰ πρόσπαιά πη τεύχοι κακά; v. 345-347). “Repentinos males” esperam Agamêmnon em casa.

Modéstia e recato são esperados das mulheres (POMEROY, 1995, p. 98); um comportamento orgulhoso é próprio dos homens. Clitemnestra se ufanará e proclamará palavras em público que não estão de acordo com o que seria esperado de uma mulher – mesmo uma rainha. Mais do que isso, ela proclama abertamente mentiras para enganar seu inimigo. Logo após o arauto anunciar o retorno do general, ela afirma (v. 604-614):

[...] ταῦτ' ἀπάγγελον πόσει·  
ἦκειν ὅπως τάχιστ' ἐράσμιον πόλει·  
γυναιῖκα πιστὴν δ' ἐν δόμοις εὐροὶ μολῶν  
οἴανπερ οὖν ἔλειπε, δωμάτων κύνα,  
ἐσθλὴν ἐκείνω, πολεμίαν τοῖς δύσφροσιν,  
καὶ τᾶλλ' ὁμοίαν πάντα, σημαντήριον

οὐδὲν διαφθείρασαν ἐν μήκει χρόνου.  
οὐδ' οἶδα τέρψιν οὐδ' ἐπίφογον φάτιν  
ἄλλου πρὸς ἀνδρὸς μᾶλλον ἢ χαλκοῦ βαφάς.  
τοιόσδ' ὁ κόμπος, τῆς ἀληθείας γέμων,  
οὐκ αἰσχρὸς ὡς γυναικὶ γενναίᾳ λακεῖν.

“[...] Anuncia ao marido:  
vir o mais rápido o amor do país,  
e vindo veja no palácio fiel mulher  
tal qual deixou, cão do palácio,  
leal a ele, inimiga dos desafetos,  
e no mais a mesma, sem ter rompido  
selo nenhum ao longo do tempo.  
Não conheço prazer ou infame fala  
com outro, mais que banho de bronze.  
Tal é o alarde: cheio de verdade,  
Não é feio a uma nobre proclamar.”

Uma das principais diretrizes do código heroico grego<sup>7</sup>, fortemente vigente na cultura da Hélade, era a norma de fazer bem aos amigos/aliados (*phíloi*) e mal aos inimigos. Dentro dessa lógica, da qual a rainha de Argos se apropria, Agamêmnon era *phílos* de Clitemnestra até o momento em que a traiu; tal traição acontece no momento em que ele matou sua filha. Como Odisseu muitas vezes fez, Clitemnestra mente para ludibriar o inimigo. Penso ser possível que em suas declarações ousadas a demonstração de força e orgulho também sirva propositalmente para que ela fique conhecida por essas características entre o povo de Argos e, assim, desencoraje uma revolta, embora essa seja apenas uma hipótese e, certamente, seu objetivo principal é se vingar de Agamêmnon.

A referência ao cão também é sugestiva. O cão é conhecido por sua lealdade e por guardar a casa, mas também alude à impudência sexual feminina (CHESI, 2014, p. 24). A imagem do cão denuncia o adultério. A fidelidade do cão também se mantém, não ao marido, mas à filha (CHESI, 2014, p. 24), morta, porém jamais esquecida e que será vingada. Desde Homero, o cão é um animal tido como um violento protetor da família (CHESI, 2014, p. 25).

O tom ousado, a retórica afiada e as referências ambíguas acompanharão a rainha até a morte de Agamêmnon: “Por causa de tais rumores perversos/outros soltaram à força muitos laços/ em cima de meu pescoço preso” (τοιῶνδ' ἕκατι κληδόνων παλιγκότων/ πολλὰς ἄνωθεν ἀρτάνας ἐμῆς δέρης/ ἔλυσαν ἄλλοι πρὸς βίαν λελημμένης; v. 874-876) é uma provável referência à reação ao sacrifício de Ifigênia. Já os versos 910-911, “Rápido se cubra de púrpura o acesso/à casa inopina a que Justiça o guia” (εὐθύς γενέσθω πορφυρόστρωτος πόρος/ ἐς δῶμ' ἄελπτον ὡς ἄν ἠγῆται Δίκη) aludem à mansão de Hades e que ele morrerá por justiça. Por fim, ela vence o marido retoricamente, fazendo-o pisar na tapeçaria, apesar de ele ser hierarquicamente superior a ela. A tapeçaria é muito simbólica porque ilustra Agamêmnon cometendo *húbris* e pisando na beleza da casa (ou seja, matando Ifigênia); também funciona como se, ao caminhar deliberadamente no tapete para dentro de casa,

---

<sup>7</sup> Os *loci classici* do código heroico são o “avenging archaic warrior Achilles” (“guerreiro arcaico vingador, Aquiles”) e o “clever and crafty survivor Odysseus” (“inteligente e habilidoso sobrevivente, Odisseu”) como explica FOLEY (2001, p. 267).

ele se tornasse uma vítima de sacrifício de Clitemnestra<sup>8</sup>. A cor, a luxuosidade e a excentricidade da tapeçaria também denotam os modos bárbaros de Tróia e, ao convencer Agamêmnon a nela pisar, Clitemnestra demonstra publicamente que o Atrida não é mais apto para governar e está corrompido pela experiência troiana (FOLEY, 2001, p. 210).

## 2. Insubordinação e rompimento através da execução do marido

Os cadáveres de Agamêmnon e Cassandra estão mortos aos pés dela que, de pé, empunha uma espada ensanguentada. O Coro surge e fica estarelecido ante tal cena de Clitemnestra, triunfante, tendo executado sua justiça. Este é o clímax de *Agamêmnon*. Clitemnestra não está mais submetida a ninguém oficialmente.

A cena grandiosa e o complexo diálogo que se segue com o Coro são reveladores. Para sua análise, é indispensável ter em mente que o discurso de Clitemnestra para o Coro é um discurso político (o Coro representa o povo de Argos) e que Clitemnestra está dizendo três coisas:

- 1) Que ela matou Agamêmnon (v. 1380-1387; v. 1404-1406; v.1438-1440).
- 2) Que, uma vez que o Atrida está morto, quem governa a cidade é ela (e, logo mais, com a cena de Egisto, acrescenta-se que quem comanda a cidade são ela e Egisto) e que é melhor o Coro (o povo) obedecer por bem ou será pela coerção (v. 1424-1425; v.1434-1437).
- 3) Que ela matou Agamêmnon por motivos justos, e aqui proponho a leitura que a governante esteja menos preocupada em se justificar e mais em apaziguar a “opinião pública”. Ela se justifica e afirma seus motivos para conseguir a obediência da população através de sua retórica ao invés de usar a violência - e obtém algum modesto sucesso quando o Coro admite que seu caso é difícil de julgar, a dúvida causa hesitação e uma pequena pausa nas ferozes condenações dos anciãos. (v. 1395-1399; v. 1405; v. 1412-1421; v. 1475-1480; v.1505-1512).

Todavia, para analisar apropriadamente, é preciso rememorar a questão do sacrifício de Ifigênia. Fica claro no início da tragédia que a imolação não se deu em circunstâncias comuns e causa muito desconforto ao Coro. De fato, antes de Clitemnestra ousar seu intento, os anciãos expressaram censura a Agamêmnon (v. 219-228) e horror ante a violência do ato, descrito com detalhes (v. 229-246). Ifigênia suplica por sua vida, clamando pelo pai, mas não é atendida. A virgem é amordaçada e suspensa por cordas, como um animal para o abate. O distorcido ritual assume ares de casamento e até mesmo insinuações sexuais, como se Ifigênia fosse a noiva de Hades (CHESI, 2014, p. 16). Há quem defenda que, para além da perda *per se*, Clitemnestra também estava preocupada com a imagem pública da filha e discordava muito da necessidade de seu rebento morrer apenas para que se travasse a guerra de Tróia<sup>9</sup>. A motivação de Agamêmnon também não fica clara (CHESI, 2014, p. 16-17).

Clitemnestra se orgulha de ter eliminado seu inimigo como um herói grego masculino faria (v. 1438-1447). O Coro de anciãos, dando voz à tradição grega, não pode aceitar dessa forma e, num primeiro momento, clama que Clitemnestra merece o exílio (v. 1410-1411). O Coro lamenta muito a morte de Agamêmnon, vista como desonrosa por ter sido através das mãos de uma mulher (v. 1454), e teria aceitado muito

---

<sup>8</sup> Ver *Agamêmnon*, v. 914-957, sobretudo os v. 946-949: “e ao pisar nestas púrpuras dos Deuses/não me atinja de longe a inveja do olho. Grande é o pudor de arruinar o palácio/pisando opulência e tecidos preciosos” (καὶ τοῖσδέ μ' ἐμβαίνονθ' ἀλουργέσιν θεῶν/μὴ τις πρόσωθεν ὄμματος βάλῃ φθόνος./ πολλή γὰρ αἰδῶς δωματοφθορεῖν ποσὶν/φύροντα πλοῦτον ἀργυρωνήτους θ' ὑφάς).

<sup>9</sup> CHESI (2014, p. 18), e FOLEY (2001, p. 213), discordam. A primeira afirma que Clitemnestra estava sim preocupada com o aspecto público do sacrifício, enquanto a segunda nega isso.

mais rápido e com menos espanto a morte de seu rei caso fosse Egisto, outro homem, o autor do crime (POMEROY, 1995, p. 98).

Durante seu espanto, o Coro cita Helena como responsável pela guerra de Tróia (v. 1455-1461). Clitemnestra ironiza: “nem voltas a ira contra Helena/dizendo-a homicida destruidora/única de muitas vidas de valentes Dânaos” (μηδ' εἰς Ἑλένην κότον ἐκτρέψης,/ὡς ἀνδρολέτειρ', ὡς μία πολλῶν/ἀνδρῶν ψυχᾶς Δαναῶν ὀλέσασ; v. 1464-1466). Essa fala é muito pertinente e uma das que mais destaca a inteligência refinada de Clitemnestra e sua crítica aos papéis de gênero que a limitam. Ela ressalta os interesses por ouro, ganância e glória que os líderes gregos nutriam para muito além do que quer que envolvesse Helena, Páris e Menelau, especialmente, é claro, a famosa ambição desmedida de Agamêmnon. O sarcasmo proferido reforça a teoria de que a motivação de Agamêmnon para fazer a guerra de Tróia (ou seja, a motivação do Atrida para sacrificar a própria filha) eram seus delírios de grandeza e glória militar (CHESI, 2014, p. 18). O famoso *pathei mathos*, o aprender através do sofrimento, que o Coro pronuncia no v. 177, não é detalhado por Ésquilo, mas pode conter pistas de remorso e arrependimento póstumo.

Quando o Coro menciona o *daimon* da casa de Atreu (v. 1469-1471), Clitemnestra usa essa figura sobrenatural habilmente para acalmar os ânimos dos súditos e ganhar a obediência da população de Argos, clamando que age de acordo com a divindade (v. 1497-1504). Em *Agamêmnon*, os motivos da morte do personagem homônimo são a retribuição por matar a filha, orquestrada por Clitemnestra, e a punição da *húbris* de Atreu, representada pelo *daimon* dos Atridas e por Egisto. O rancor que Clitemnestra tem contra as concubinas (Criseida e Cassandra) exerce um papel menor nessa tragédia. Outras versões, como a *Electra* de Eurípidés, farão essa questão mais central, contudo, em Ésquilo, não há nada mais do que alguns comentários rancorosos e depreciativos às relações extraconjugais de Agamêmnon, embora Clitemnestra reconheça o ultraje que sofreu quando Agamêmnon se relacionava com Criseida (v. 1438-1439), bem como tenha afirmado com satisfação que matar Cassandra “trouxe-me novo sabor aos prazeres do leito”, (εὐνῆς παροψώνημα τῆς ἐμῆς χλιδῆ; v. 1447). Clitemnestra, portanto, regozijou-se em eliminar Cassandra e ter sua desforra dos casos extraconjugais do marido, mas isso foi apenas um “bônus”, um “extra” que o destino lhe permitiu. O objetivo e a motivação principal de seus atos são a justiça vingativa exercida pela inaceitável perda de Ifigênia. É bem possível que as humilhações sofridas tivessem abalado a rainha antes dela se relacionar com Egisto, que a revalidou afetiva e sexualmente (v. 1434 -1437):

οὐ μοι Φόβου μέλαθρον ἐλπὶς ἐμπατεῖ,  
ἕως ἂν αἴθη πῦρ ἐφ' ἐστίας ἐμῆς  
Αἴγισθος, ὡς τὸ πρόσθεν εὔφρονῶν ἐμοί.  
οὗτος γὰρ ἡμῖν ἀσπίς οὐ σμικρὰ θράσους.

“A Espera não me pisa o palácio de Pavor  
enquanto acende fogo em minha lareira  
Egisto, benévolo comigo como antes,  
o nosso não pequeno escudo de audácia.”

“Acender o fogo na lareira” é uma referência sexual e que denota a inversão de papéis de gênero, por ser a esposa ou a filha virgem quem geralmente é responsável pelo fogo da lareira (FOLEY, 2001, p. 214). Os anciões consideram essa inversão de papéis de gênero monstruosa (POMEROY, 1995, p. 99). Como já foi dito antes, e

jamais se pode esquecer, este é um discurso político. Por mais que Clitemnestra e Egisto tenham se unido voluntariamente, uma vez Agamêmnon executado eles passam a necessitar um do outro. Mencionar Egisto no discurso é uma lembrança da autoridade masculina a quem o Coro agora deve obediência. É a autoridade masculina que tem o poderio militar. Consistente como as atitudes masculinas que apresenta por toda a extensão da tragédia, Clitemnestra se ufana de sua vida sexual com seu amante e aliado como um homem se vangloriaria. Seria escandaloso em outros contextos, mas não é nada ante a maior das ousadias que foi derramar o sangue do marido. É o triunfo, o canto de vitória ante o inimigo morto: Ifigênia está vingada, sua subordinação a Agamêmnon está acabada e ela se deleita com seu sucesso, um prazer quase sexual.

O *daimon* e até mesmo a vontade justa de Zeus são invocados como justificativa do ato (v. 1475-1480; v. 1486-1487). A famosa afirmação de Clitemnestra, supostamente dizendo que a obra é de uma entidade divina e não dela (v. 1497- 1504) causa muita controvérsia sobre o desejo da rainha de se isentar da responsabilidade de assassinar Agamêmnon. Não creio que fosse possível a ela fazer isso depois de assumir a responsabilidade abertamente e, como era de se esperar, o Coro não a absolve (v. 1505-1506). O que me parece é que essa é uma manobra retórica e política para fazer o Coro – a população de Argos – interpretar o ato como ação que aconteceu de acordo com a vontade divina (inclusive com a vontade divina mais hierarquicamente superior: Zeus) e, dessa forma, ninguém a condene ou crie resistência a seu reinado. Clitemnestra não parece nada preocupada com o julgamento moral do Coro (v. 1401-1406, v. 1669-1670), mas sim bastante interessada com a aceitação e o apaziguamento dos anciãos (v. 1463-1464, v. 1673-1674). Não é razoável que ela queira se livrar da responsabilidade pelo ato que evidentemente praticou, mesmo tendo o aval divino. De fato, Ésquilo faz com que o *daimon* se manifeste fisicamente nos olhos de Clitemnestra (v. 1427-1429), confirmando coerentemente a profecia prévia de Cassandra no quarto episódio.

Finalmente, não se pode deixar de mencionar a reivindicação maternal de que Ifigênia é sua filha (v. 1525). De fato, Chesi (2014, p. 1-10) argumenta que a *Oresteia* trata de uma grande contradição sobre as relações de poder e a formação dos laços filiais, sendo que a trilogia inteira tenta negar seu laço biológico com os filhos (eles são filhos *de Agamêmnon*<sup>10</sup>) e constantemente constrói uma narrativa que tenta “desmaternalizar” Clitemnestra e tratar o fato de ter sido uma “má” esposa como pior do que ter sido uma “boa” mãe. Ainda de acordo com Chesi, essa narrativa falha porque nunca consegue negar completamente os argumentos de Clitemnestra sobre Ifigênia. Em *Eumênides*, o tribunal de Atenas chegar a um impasse que necessita de uma solução *deus ex machina* é uma evidência disso.

É importante notar que, depois de *Agamêmnon*, o sacrifício de Ifigênia é esquecido. Em *Coéforas*, ele não é mais mencionado; em *Eumênides*, no julgamento

---

<sup>10</sup> “When Clitemnestra speaks about her relationship with Iphigeneia, she foregrounds the biological tie between mother and daughter. By referring to the relation with her daughter as a biological tie, Clytemnestra’s rhetoric of motherhood lies in sharp opposition to that of all the other characters in the play, except for the Furies. Cassandra and the Chorus in *Agamemnon*, Electra, Orestes, the nurse and the captive women in *Choephoroi*, Apollo and Athena in *Eumenides*, all share an interpretation of motherhood, according to which a mother is solely the wife of the husband from whom she has borne children – not a woman who, through the experiences of pregnancy and labour, gives birth to her child” (“Quando Clitemnestra fala sobre seu relacionamento com Iphigeneia, ela enfatiza o laço biológico entre mãe e filha. Ao se referir à relação com a filha como um laço biológico, a retórica da maternidade de Clitemnestra se opõe fortemente àquela de todos os outros personagens da peça, exceto pelas Fúrias. Cassandra e o Coro em *Agamenon*, Electra, Orestes, a ama e as mulheres cativas em *Coéforas*, Apolo e Atena em *Eumênides*, todos compartilham uma interpretação da maternidade segundo a qual uma mãe é somente a esposa do marido para quem ela gerou filhos - não uma mulher que, através das experiências da gravidez e do parto, dá à luz a seu rebento”, CHESI, 2014, p. 18).

final, os motivos de Clitemnestra para matar Agamêmnon também não são citados, como se não tivessem relevância. Isso está fortemente relacionado à visão que desconsidera o laço maternal em favor do paternal e faz dos infantes quase uma propriedade do pai. As mulheres eram tão fortemente subordinadas a seus maridos que, em seu diálogo com o Coro, Clitemnestra está se esforçando para demonstrar que agiu como uma agente moral autônoma (FOLEY, 2001, p. 201-202). Isso seria especialmente terrível para uma audiência grega e não é por acaso que o Coro hesita em reconhecer sua autonomia. Uma esposa agindo autonomamente que executa seu marido “embodies the greatest threats to the cultural system of which a wife is capable” (“encarna a maior ameaça ao sistema cultural da qual uma mulher é capaz”, FOLEY, 2001, p. 201).

### 3. Clitemnestra e Egisto como *philoí*

Egisto surge triunfante no Êxodo e sua presença quebra o espanto e a perplexidade que os anciãos experimentaram com Clitemnestra. Elas são rapidamente substituídas por hostilidade. Egisto é o inimigo declarado de Agamêmnon e é um homem, logo, não há dúvidas sobre a autonomia de sua ação. De fato, ele se torna *phílos* de Clitemnestra porque ambos passam a possuir um inimigo em comum. Não há nem mesmo o que questionar quanto à moralidade dos atos do filho de Tiestes porque eles estão claramente dentro da lei: faz parte do *aidós* dele vingar o pai da mesma forma que fará parte do *aidós* de Orestes vingar Agamêmnon (CAIRNS, 1993, p. 200). Destarte, Egisto seria um personagem quase óbvio demais para os padrões trágicos, não fosse a sua relação com Clitemnestra.

Ésquilo não nos informa muito sobre a relação de Clitemnestra com Egisto. Ele não estava presente quando Clitemnestra se revelou, triunfante, ante os cadáveres do marido e da troiana. Não nos é mostrada a autoria intelectual do plano de assassinato, no entanto, é claramente Clitemnestra quem o executa ao longo de *Agamêmnon*. Isso dá margem à interpretação de que ele pode ser um coadjuvante e de que seria Clitemnestra quem toma as decisões. O Coro o ofende exatamente nesses termos (v. 1625-1627). Egisto desonrou a cama de outro homem (mais uma vez, a autonomia da mulher é tida como inexistente), outro homem que estava na guerra enquanto ele, que se ocultou atrás de uma fêmea, é por isso tido como “effeminate stay-at-home” (“afeminado que fica em casa”, CAIRNS, 1993, p. 181). Isso também indica que violar a honra (*timé*) de outro homem, mesmo que seja um inimigo, não implica em adquirir honra para si (CAIRNS, 1993, p. 181). A desonra que Agamêmnon sofreu com o adultério não traz glória para Egisto.

Clitemnestra é uma mulher considerada muito acima do que seria o *status* adequado de uma esposa para Egisto (FOLEY, 2011, p. 66) e isso justificaria em parte um maior comando da Tindarida. Além disso, eles se casam de maneira matrilocal: o marido passa a morar na casa da mulher, e isso indica que a linhagem da mulher é muito excelsa e que os filhos do casal podem ter preferência ao trono mesmo ante os irmãos da esposa (POMEROY, 1995, p. 20). O casamento de Helena e Menelau em Homero também era matrilocal, o que dava um motivo muito político para o Atrida travar uma guerra: o reinado dele estava baseado em seu casamento com a filha de Tíndaro (POMEROY, 1995, p. 20-21). Em outras palavras, Egisto precisa de Clitemnestra para vingar o pai e para governar. Por sua vez, Clitemnestra, numa cultura que nega autonomia às mulheres, necessita de uma autoridade masculina para exercer poder sobre Argos e para continuar viva após ousar assassinar seu marido e rei. Eles necessitam um do outro, e o casamento entre eles é político, como qualquer outro casamento da Hélade. As últimas palavras da tragédia *Agamêmnon*, proferidas por Clitemnestra, indicam a

natureza da união: “Não cuides mais destes vãos latidos. Eu/ e tu no poder bem disporemos do palácio” (μή προτιμήσης ματαιῶν τῶνδ' ὑλαγμάτων· ἐγὼ/καὶ σὺ θήσομεν κρατοῦντε τῶνδε δωμάτων καλῶς; v. 1672-1673)<sup>11</sup>.

Apesar da necessidade mútua, é incerto supor uma igualdade entre os membros do casal. A cultura concede o poder ao homem, entretanto, a heroína central de *Agamêmnon* é claramente a mulher. Em sua fala apaziguadora entre Egisto e o Coro numa tentativa de evitar conflitos com a população (v. 1654-1661), a rainha de Argos, sempre política, alerta o marido, mas imbui seu discurso de uma humildade que destoa completamente da ousadia que demonstrara em todos os outros momentos: “assim fala mulher, se merece ouvidos” (ὣδ' ἔχει λόγος γυναικός, εἴ τις ἀξιοῖ μαθεῖν; v. 1661). Alguns podem interpretar que Clitemnestra cede a Egisto; todavia, entendendo que as palavras femininas e próprias de uma esposa zelosa são claramente uma atuação e mais uma demonstração da excelência retórica ante o público apropriado, evitando que a imagem masculina de Egisto seja ferida<sup>12</sup>.

No entanto, essa união os protege dos homens, não dos deuses. A justiça que Egisto está incumbido de executar é a de vingar o seu pai matando Agamêmnon. Tomar a mulher, o trono e todos os tesouros dos espólios de Tróia – frutos de uma guerra que Egisto não lutou – pode lhe acarretar em *húbris*. Isso daria razão à censura do Coro sobre a posição guerreira de Agamêmnon em oposição à caseira de Egisto.

Por Egisto estar com Clitemnestra e não ter agido diretamente, ele fica vulnerável a insultos de uma cultura centralmente masculina, especialmente de um Coro que passou a tragédia inteira ressaltando as qualidades masculinas de Clitemnestra. As qualidades e as atitudes “viris” da rainha (a ousadia, o domínio da retórica, o uso de uma arma, a execução da justiça vingativa de acordo com o código heroico, dentre outras), apesar de muito repreendidas, foram essenciais para executar seu intento. Contudo, são os anciãos que atribuem virilidade à Clitemnestra, fiéis a uma cultura que associa fixamente comportamentos com gênero. Ela mesma nunca se vê fora do feminino, pelo contrário, o fundamento principal de seu ato é tipicamente feminino: a maternidade. A rainha de Argos é motivada por questões próprias da mulher e, paradoxalmente, é a partir da falta de consideração dessas questões pela cultura na qual ela está inserida que Clitemnestra se vê forçada a romper violentamente com as normas vigentes se quiser reivindicar a justiça que lhe é negada.

## REFERÊNCIAS

CAIRNS, D.L. *Aidos – the psychology and ethics of honor and shame in Ancient Greek literature*. New York: Oxford University Press, 1993.

CHESI, G.M. *The play of words – blood ties and power relations on Aeschylus' Oresteia*. Berlim: DeGruyter, 2014.

ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2004.

<sup>11</sup> Discute-se, contudo, se essas últimas palavras da tragédia são mesmo do original esquiliano ou se foram acrescentadas posteriormente. As linhas finais são incertas.

<sup>12</sup> FOLEY (2001, p. 233-234), também afirma que Clitemnestra finge subserviência. Esse discurso final é extremamente político, visando o governo de Argos pelo casal. É fundamental manter tais aparências porque, segundo Pomeroy (1995, p. 99): “The old men find the reversal of sex roles in Clytemnestra and Aegisthus monstrous”. (“Os anciãos acham a inversão de papéis de gênero de Clitemnestra e Egisto monstruosa”). Fingir subserviência a Egisto, portanto, é uma tentativa tardia de mostrar que ela, Clitemnestra, não perverteu os papéis de gênero, e que Egisto é apto para exercer a autoridade.

FOLEY, H. P. *Female acts in Greek tragedy*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

HERÓDOTO. *História*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. São Paulo: Cosac&Naify, 2014.

POMEROY, S. B. *Goddesses, whores, wives and slaves – women in Classical Antiquity*. New York: Shocken Books, 1995.

ROSENFELD, K.H. Representações da inteligência feminina na Grécia Clássica: Clitemnestra, Jocasta e Antígona. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 17. n.1, p. 187-214, jan./abril, 2014.

Data de envio: 12-10-2018

Data de aprovação: 17-11-2018

Data de publicação: 17-12-2018